

ENTRE REDEMOINHOS TEMPORAIS

Sterzi, Eduardo. *Saudades do mundo: notícias da Antropofagia*. Todavia, 2022. 238 pp. ISBN: 978-65-5962-369-7

FREDERICO CABALA

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Em 2022, em meio às reflexões sobre o centenário da Semana de Arte Moderna, a ordem do dia (ou do ano) também se voltou aos desdobramentos relacionados ao evento, como o pensamento em torno da Antropofagia. Situa-se, nesse contexto, a publicação de *Saudades do mundo: notícias de Antropofagia*, de Eduardo Sterzi, livro de especial interesse para esta nossa análise.

Antes de adentrarmos nas páginas de Sterzi, vale dizer que, a ideia da Antropofagia, encarada como produtivo conceito para se pensar a dinâmica cultural, talvez nunca tenha saído completamente de cena no Brasil, ao menos desde a grande projeção que o termo conquistou no fim dos anos 1960, com o marco da primeira encenação de *O rei da vela* e a vinculação desse espetáculo ao *Manifesto Antropófago*, como se nota no programa de estreia da peça. Veja-se que, em março de 1968, apenas poucos meses após o Teatro Oficina ter inaugurado sua nova casa com essa obra de Oswald de Andrade, Hélio Oiticica já comentava que a Antropofagia havia virado moda (Oiticica 106). O mesmo diria Augusto de Campos, ao fazer um balanço das criações do modernista paulistano na ocasião da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) de 2011, em que Oswald foi homenageado. Augusto retomou uma definição de Décio Pignatari para indicar que a Antropofagia havia se vertido em “carne de vaca,” ou seja, teria passado por uma espécie de redução banalizadora: de noção antiessencialista por excelência, a Antropofagia seria, por vezes, associada a uma espécie de fórmula de nacionalidade. Também em 2011, saía a coletânea de ensaios *Antropofagia hoje?* (org. Jorge Ruffinelli e João Cezar de Castro Rocha), cujo título parece soprar as brasas do debate em torno da teoria pensada por Oswald de Andrade. No volume, um texto de João Cezar de Castro Rocha questiona: “Ainda é possível propor uma releitura da teoria cultural de Oswald de Andrade? Vale a pena (mais uma vez!) reinterpretar a antropofagia?” (647)—perguntas que, ao longo do ensaio, o autor responde afirmativamente, sugerindo alguns caminhos, como o seguinte: “desoswaldianizar” o “Manifesto Antropófago”—mas o que significa isso?

A recente publicação *Saudades do mundo: notícias da Antropofagia*, de Eduardo Sterzi, se alia a essa trajetória de revitalização do conceito e nos dá indícios de como a ampliação da ideia—para além de seu autor, seu tempo e seu espaço originários—faz o conceito ganhar em atualidade e relevância. O livro, a partir de uma reunião de ensaios escritos desde 2011 pelo pesquisador, se propõe a “tornar mais difuso, ou mesmo esgarçar, no tempo e na compreensão teórica, o próprio conceito de Antropofagia” (Sterzi 9). Embora se trate de uma coletânea de escritos, se engana quem imagina não encontrar certa unidade na diversidade, que nos direciona exatamente para a descentralização da noção de Antropofagia, tomada para além do universo criativo de Oswald de Andrade. Em suma, estamos diante de uma “constelação antropofágica” (10), como o próprio ensaísta define o livro.

Nos primeiros quatro ensaios, Oswald de Andrade aparece como protagonista. “Experimento e experiência,” que abre o livro, define o escritor como “o mais radicalmente experimental” (13) entre seus pares de geração. Isso se nota, afirma Sterzi, no grau de ruptura que cada produção de Oswald parece apresentar: “uma incessante reproposição da origem: cada texto parece produzir um novo momento originário” (15). O ensaio seguinte, “Antropofagia como máquina de guerra,” se desenrola a partir da noção de que os elementos mais importantes da obra de Oswald de Andrade advêm da Antropofagia. O termo aqui, contudo, é entendido em amplo espectro, como um conceito que pode funcionar enquanto operação de leitura de diversos outros textos oswaldianos e até de outros escritores—quase um adiantamento do que o próprio percurso de *Saudades do mundo* realiza. Na verdade, defende o pesquisador, a Antropofagia não deve nem mesmo se restringir aos redutos artísticos e literários, uma vez que se trata de “uma verdadeira e inovadora *ontologia política*: ou seja, uma teoria do *ser*, que não é mais concebido a partir do que lhe seria supostamente próprio, mas, sim, a partir daquilo que ele consegue absorver e transformar” (19). Esse apetite pela expansão da Antropofagia também coaduna, vale dizer, com o trajeto do pensamento elaborado e reelaborado pelo próprio Oswald de Andrade. Lembremos que, após o “Manifesto Antropófago,” de 1928, a ideia da Antropofagia é retomada pelo escritor em ensaios seus de décadas posteriores, como “A crise da filosofia messiânica,” de 1950, enquanto operador que se desdobra em novas interpretações sociais, políticas e filosóficas a respeito do desenvolvimento da civilização ocidental. Ou seja, *Saudades do mundo* transita habilmente na criação de novas pontes entre a Antropofagia e o mundo, em um gesto devorador semelhante ao de Oswald de Andrade entre as décadas de 1920 e 1950.

Em “Diante da lei—da gramática—da história,” Sterzi convoca as reflexões de Alexandre Nodari a respeito da persistente ideia de *lei* na obra de Oswald de Andrade e, em

particular, em formulações do “Manifesto Antropófago.” Da complexa presença da *lei* no pensamento de Oswald, que comporta um “Direito Antropofágico” particular, o ensaísta propõe que a poesia do modernista—na medida em que lida por vezes com cortes em documentos oficiais—se caracteriza por ser poesia *fora da lei*, assim como a *lei* da Antropofagia apresentaria artigos que coincidiriam não com códigos postos, mas “com a aventura e a liberdade” (42), isto é, uma legislação errante, não impositiva e não escrita em lugar algum, e, exatamente por isso, exige do escritor uma infinda dinâmica de reflexões. “O drama do poeta” é o ensaio que encerra as análises mais detidas na obra de Oswald. Nesse texto, Sterzi realiza um apanhado de referências feitas a Dante ao longo de criações do modernista, e se detém naquela obra que mais aprofunda essa relação—a peça *A morta*—para demonstrar a devoração particular que Oswald faz do poeta do renascimento.

A partir de então, *Saudades do mundo* desloca o olhar para criações de outros autores. Raul Bopp, “personagem importante, mas sobretudo espectador privilegiado” (78), é o tema do ensaio “O copista caníbal,” o qual analisa os gestos de passar a limpo uma vez e sempre mais os próprios escritos, atitude inacabável para o autor de *Cobra Norato* (1931). Mário de Andrade—e sobretudo *Macunaíma* (1928)—comparece nos três próximos textos do livro: “A irrupção das formas selvagens,” “O apocalipse das imagens” e “A voz sobrevivente.” O primeiro estudo se detém na forma plural, compósita e irruptiva que *Macunaíma* apresenta (e que em edição recente se soma às imagens de Luiz Zerbini): “Esse abalroamento das formas é condizente com os mundos em permanente estado de metamorfose que atravessam o romance” (81), diz Sterzi. “O apocalipse das imagens,” de certo modo, alarga o assunto ao nos entregar achados preciosos acerca da rapsódia de Mário, definida “menos como uma obra individual do que como uma coleção textos e imagens—uma encyclopédia, uma biblioteca, uma coleção, um museu, *Bilderatlas*” (87), analogia que nos faz pensar a montagem de *Macunaíma* em trilhas difusas tal como Aby Warburg pensou seu *Atlas Mnemosyne* (concebido entre 1924 e 1929). Derradeiro texto sobre *Macunaíma*, “A voz do sobrevivente,” reflete sobre a reverberação do personagem que se apresenta entre (o desejo de não ser) a pedra e o tornar-se constelação no escrito que vem após a narrativa e, de certo modo, ilumina toda ela: o “epílogo,” Naquele “tem mais não” ao final do livro, “*Macunaíma* nos convida a perguntarmos: o que resta depois do *não*? O que *tem*, ainda, quando se diz que *não tem* mais nada?” (121). Sterzi, assim, acende a reflexão de como, após a morte de Macunaíma, sintoma do genocídio indígena que tanto ecoa em nosso presente, a história se suspende e se reinaugura a partir de uma sobreposição de vozes: lá, no epílogo, se desvela o escritor que escuta a narrativa de um papagaio o qual, por sua vez, a repete a partir do que havia ouvido

do próprio Macunaíma. Em última instância, diz-nos o autor de *Saudades do mundo*, parece residir nessa possibilidade—a possibilidade de se construir sobre a *falta*—a vida da literatura.

Mais uma abertura no *esgarçamento* da Antropofagia é proposta em seguida: *Saudades do mundo*, após as análises sobre Oswald de Andrade, Raul Bopp e Mário de Andrade, nos conduz por inventivos rodopios temporais. Primeiramente, somos lançados algumas décadas adiante, caindo diretamente na voragem da ficção de João Guimarães Rosa, com o ensaio “Uns índios (suas falas).” Nesse ponto, o conto “Meu tio o Iauaretê” (1961) angaria atenção, com a indicação de que o próprio Eduardo Viveiros de Castro via ali um prenúncio da teoria do perspectivismo ameríndio, mas também há análises sobre “Sorôco, sua mãe, sua filha” (1962), sobre *Grande sertão: veredas* (1956) e, por fim, sobre o texto de Guimarães Rosa que dá título ao ensaio. O próximo estudo nos arremessa para trás: uma figuração da Antropofagia içada do século XIX, de *O Guesa*, de Sousândrade. Nos périplos do andino errante se encontra, por exemplo, a expressão “saudades do mundo,” que Sterzi argutamente relaciona com os testemunhos sobreviventes dos povos ameríndios e, mais que isso, põe em interlocução com o pensamento de Viveiros de Castro a respeito de serem os indígenas mais uma *figuração do futuro* do que uma *sobrevivência do passado*. Em *O Guesa*, se coloca ainda a “arte do deslocamento constante” (181) entre territórios e identidades, uma pulsão antiessencialista que seria motor do “Manifesto Antropófago”: eis uma das observações mais fascinantes de *Saudades do mundo*, que, em suas trilhas analíticas, apostava na transmutação da *sobrevivência do passado* (um poema épico produzido século XIX) em *figuração do futuro* (o conceito de Antropofagia como um operador reflexivo não emparedado em rígidos recortes temporais). O ensaio final do livro nos põe nos limites entre os séculos XX e XXI, em uma investigação sobre o papel limítrofe, indefinido e instigante das fotografias de Viveiros de Castro no desenvolvimento de sua própria antropologia.

Saudades do mundo, por meio da liberdade espaço-temporal das análises, pela dispersão *desoswaldianizadora* da Antropofagia por diversos pensadores-escritores, através da beleza da escrita, é um estimulante convite ao leitor—que pode partilhar das inquietações do ensaísta, vislumbrar mais possíveis rotas desse percurso e esperar por futuras *notícias* que contribuam, por exemplo, para pensar como alguns artistas indígenas contemporâneos vêm retomando o mote antropofágico (como a *ReAntropofagia*, de Denilson Baniwa—constituída por uma pintura, de 2018, e um poema-manifesto, de 2021). *Saudades do mundo* não enumera seus ensaios, não se propõe a apresentar capítulos em uma progressiva cadeia explicativa que fecharia o assunto. Pelo contrário, o livro se abre a muitas possibilidades de ligarmos os pontos luminosos que compõem as *constelações antropofágicas* (uma expressão muito

condizente, a propósito, com a não linearidade do método crítico apresentado no livro). “*Jamais entender de todo*,” se guia Sterzi pelas veredas de Guimarães Rosa, “sem desistir, porém, de tentar entender: há outra divisa para o leitor de poesia, nome secreto de toda a literatura? Há, de resto, outra divisa para os inquilinos da Terra?” (160). Não, não há—e, como no derradeiro *não* de *Macunaíma*, ainda depois se pode conceber todo um mundo porvir.

Obras citadas

- Campos, Augusto de. “Pós-Waldis”. *O Estado de S. Paulo*, 01 Jul 2011.
<https://www.estadao.com.br/cultura/pos-waldis-imp-/>
- Oiticica, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto*. Rocco, 1986.
- Rocha, João Cezar de Castro. “Uma teoria de exportação? Ou: ‘Antropofagia como visão de mundo.’” *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena*, organizado por João Cezar de Castro Rocha e Jorge Ruffinelli, É Realizações, 2011, pp. 647-668.
- Sterzi, Eduardo. *Saudades do mundo: Notícias da Antropofagia*. Todavia, 2022.